

# JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — Presidente do Conselho

MANOEL FRANCISCO BRITO — Diretor Presidente

ROSENAL CALMON ALVES — Diretor

WILSON FIGUEIREDO — Diretor de Redação

DACIO MALTA — Editor

MERVAL PEREIRA — Editor Executivo

ORIVALDO PERIN — Secretário de Redação

## Perfil de um Sátrapa

O senador José Sarney valeu-se na tribuna do Senado do recurso preferido dos caloteiros para não dar as explicações de que é devedor, desde quando estava no governo. Pretendeu ontem passar de acusado a acusador mediante explosão retórica, mas queria no fundo distrair a atenção nacional concentrada na CPI do Orçamento, que remeterá a origem da roubalheira geral ao seu governo mediocre. É fatal.

Esta CPI, que tanto inquieta o senador pelo Amapá, é filha daquela que, sob seu governo, lhe fez 67 indagações até hoje à espera de respostas. Dos 19 até agora acusados na CPI do Orçamento, 15 deles mantêm ligação política ou de amizade com o ex-vice-presidente. Como presidente, como ex-presidente ou como senador, José Sarney é capaz de qualquer rompante verbal mas sonega respostas aos quesitos que o incomodam.

Um dos motivos da simulada indignação do senador pelo Amapá foi a revelação de que a sua família adquiriu, durante o seu governo, cinco apartamentos de alto valor imobiliário no Rio. Nem antes, nem depois. Durante o governo cabe a suspeita: é norma ética consabida que governante não compra nem vende nada. No governo Sarney, no entanto, compra e venda correram soltas. Sem falar na farta distribuição de canais de rádio e televisão, em troca de mais um ano de mandato.

O senador José Sarney deve explicações à opinião pública, com base no mapeamento da primeira CPI que levantou a corrupção do seu governo, considerado a matriz de tudo que a CPI do PC apurou e agora a CPI do Orçamento está completando. Mas é indispensável, para evitar injustiças, ressuscitar aquela comissão parlamentar arquivada por um golpe de malandragem - que permite ao ex-presidente fingir-se de inocente e fazer-se de vítima quando apontado como o criador do método. O relatório da corrupção não foi arquivado por falta, mas por excesso de provas.

Que o governo Sarney tem contas a acertar com o Brasil, em matéria de corrupção, não há a menor dúvida. A prova insofismável foi a eleição do seu sucessor (no voto direto): Fernando Collor marcou presença eleitoral e ganhou credibilidade nacional mediante denúncia de que aquele era um governo corrompido. A prova de que era essa a opinião geral foi a votação que elegeu Collor. No segundo turno, chegou a prometer aos eleitores que, ao tomar posse, daria voz de prisão ao antecessor no ato de transferência da faixa presidencial. Tudo acabou num acordo, por baixo do pano, entre acusado e acusador.

O JORNAL DO BRASIL reafirma que é seu dever prosseguir o levantamento de todos os pontos obscuros de uma administração que é a grande mancha moral da vida brasileira: a opinião pública tem o direito de ser informada e, se o ex-presidente se nega a responder aos quesitos da CPI, este jornal providenciará para que não paire a menor dúvida a respeito. A verdade imobiliária, aqui ou em Portugal, será conhecida através do método investigativo. Outro engano: o JORNAL DO BRASIL não está e nunca esteve à venda. O ex-vice presidente tratou com má-fé uma proposta perfeitamente legal feita ao Banco do Brasil. Sarney faz má literatura até na tribuna do Senado.

A bem da verdade, o título de presidente da República foi uma apropriação indébita e o exercício do cargo uma usurpação. Ele era o vice do presidente Tancredo Neves, que morreu sem ter tomado posse. Logo, não podia sucedê-lo. A chamada "solução política" foi um arranjo sem legitimidade. Agradado com o zelo do ministro do Exército e a cumplicidade do PMDB, recebeu o prêmio pela traição, depois de servir por 20 anos ao regime autoritário. A História registra que o senador (então e agora) José Sarney foi o comandante que arregimentou no Congresso os votos para derrotar a emenda constitucional em favor da eleição presidencial direta.

A sua posse na presidência da República foi um escárnio e trouxe implícita a autorização para o que se viu e que o envolve em suspeitas que até hoje se recusa a esclarecer. Deixou sem respostas as 67 perguntas da primeira CPI da corrupção.

Sarney não mudou, nem moral, nem psicologicamente: continua a ser um caso clínico. Na presidência, queixava-se de não ter o reconhecimento público e, para consolar-se, dirigia-se às sextas-feiras pelo rádio "aos brasileiros e às brasileiras", imitando despidamente a fórmula de De Gaulle. Acontece que a separá-los havia mais do que o Oceano Atlântico. Esse material continua à espera de um psiquiatra disposto a examinar um caso de paranóia por mediocridade. Sarney continua o mesmo.

O efeito pretendido na tribuna do Senado por José Sarney, visivelmente desconfortável à luz da CPI da corrupção, é o de imunizar-se contra a convocação para esclarecer as origens dessa bandalheira que vem a ser a mesma que ganhou escala no seu governo. Não é, portanto, o JORNAL DO BRASIL, nem a imprensa de São Paulo, que está sob suspeita. O grande suspeito é ele, que deve respostas e quer sonégá-las. "Vida ilibada, correta, limpa." Pois volte à tribuna do Senado e desminta as imputações que lhe são feitas.

No ataque paranóico que o acometeu na tribuna, o ex-vice-presidente insistiu em atribuir-se a autoria de tudo que de bom aconteceu ao Brasil, esquecendo todo o mal que fez, incluindo o estelionato eleitoral pela manipulação do Plano Cruzado. Assim foi que reivindicou, por que ninguém reconhece, a iniciativa de convocar a Constituinte. Ora, sim, senhores. A Constituinte era um compromisso de Tancredo Neves, o presidente que não se empossou, e Sarney apenas um vice que não ousava abrir o bico. Portanto, um acidente histórico que quer fazer a própria História.

"As pesquisas repetidamente dão-me a glória de ser considerado pelo povo brasileiro o melhor presidente que o país já teve", afirmou Sarney no Senado, sem corar. Melhor em quê? E ainda: "Faz parte do costume político do mundo ocidental acusar de corrupção os adversários." Esqueceu-se de dizer que governantes que se prezam não deixam sem resposta acusações dessa natureza. No entanto, Sarney se recusou a responder às 67 perguntas da CPI. Melhor em quê?

A paranóia inverte os dados: Sarney quer fazer crer que a verdade sobre a face oculta do seu governo é manobra para barrar-lhe a candidatura à sucessão presidencial. Insiste em ser o candidato da impunidade. Por isso não desmente nada do que se acumulou contra ele — e não mereceu uma resposta sequer: esperneia na tribuna, deblatera, grita e faz a mímica de uma indignação de que nunca esteve possuído. Já deve ter percebido que tanto a impunidade quanto a imunidade não são eternas, assim como a imortalidade acadêmica é fictícia.

A tribuna do Senado tirou ao ex-vice presidente Sarney o senso da medida: em vez de se defender das suspeitas que incidem sobre ele e os seus, proclamou: "Estou aqui para ajudar o Brasil, e não para desestabilizá-lo." Perdeu uma boa oportunidade de ficar calado quando se pôs ao lado de Ruy e Nabuco, mortos ilustres, sem consultá-los. É caso de apropriação indébita de estatura: um anão ombrear-se a dois gigantes.

Zenon provou com um sofisma pré-socrático que uma tartaruga era capaz de vencer um atleta numa corrida de fundo. O senador Vitorino Freire é autor de um paradoxo que está para a política como o paradoxo de Aquiles para a matemática: jaboti na forquilha de uma árvore significa que alguém a pôs ali, pois jaboti não sobe em árvore. Sarney é a demonstração do teorema de Vitorino: foi posto na presidência porque, por seus méritos, não chegaria lá.

O legado de Sarney pertence à anti-história: quer restabelecer as oligarquias, apeadas do poder em 1930, restaurando a política da parentela no Maranhão — onde começou a carreira de um lado, passou para o lado oposto (do PSD para a UDN), e começou também o seu pé de meia. O sonho é recriar a capitania hereditária, com impunidade e imortalidade. Fez uma ponta na bossa nova da UDN e, depois de velho, rege a vanguarda do atraso.

José Ribamar Sarney reescreve sem parar a biografia e retoca a imagem com zelo e devoção inexcedíveis: ergueu em sua terra um mausoléu para perpetuar a sua memória retocada, como gostaria de passar à posteridade. Isto é, como Sarney não foi e sem que a CPI da corrupção no seu governo apurasse a verdade. O preço do memorial, pago com dinheiro público, deveria constar da placa de bronze: 9,5 milhões de dólares.

Não foi grande coisa como governante, mas providenciou para si, no Maranhão, o mausoléu suntuoso, o maior desde aquele que perpetuou a memória do próprio Mausolo - sátrapa do império persa. Não satisfeito de ser vice-rei do Maranhão, Sarney também quer ser o sátrapa do Leblon.

O sonho de José Ribamar Sarney é ser expectador do próprio funeral, autor do próprio necrológio e o único orador à beira do seu túmulo. Só assim o mausoléu de Sarney será considerado a primeira maravilha do mundo maranhense.